

## PLURAL: AFETOS E TROCAS SOBRE DIVERSIDADE DE GÊNERO E SEXUALIDADE - RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO DE PSICOLOGIA NA PROMOÇÃO DE UM GRUPO TERAPÉUTICO

LARA ANTUNES GOMES DA SILVA<sup>1</sup>; GUSTAVO PIRES<sup>2</sup>; PAULINIA LEAL DO AMARAL<sup>3</sup>; GIOVANA FAGUNDES LUCZINSKI<sup>4</sup>; HUDSON W. DE CARVALHO<sup>5</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – laara.antunes@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – gustavoppires7@gmail.com

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – paulinia.amaral@gmail.com

<sup>4</sup>Universidade Federal de Pelotas – giovana.luczinski@gmail.com

<sup>5</sup>Universidade Federal de Pelotas – hdsncarvalho@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho objetiva relatar o desenvolvimento e as reverberações do grupo terapêutico *Plural: afetos e trocas sobre diversidade de gênero e sexualidade*, referente aos estágios com ênfase em Promoção e Prevenção de Saúde do curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

A importância de abrir um espaço de escuta terapêutica para o público em questão se evidencia ao atentarmos para como ações discriminatórias, de exclusão e violência despertam efeitos danosos à saúde da população LGBTQIA + (SILVA et al., 2020). Além disso, as próprias vivências subjetivas que circunscrevem atributos de orientação sexual e identidade de gênero são fortes determinantes da dinâmica saúde-doença dentro dessa coletividade, envolvendo aspectos como desemprego, falta de acesso à educação, saúde e lazer, que contribuem para o desenvolvimento de sofrimento individual e coletivo (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2013). Nos atentamos ao compromisso ético-político da Psicologia enquanto ciência que necessita caminhar junto às transformações sociais, fazendo movimentos contínuos que reforcem um caráter qualificante para uma práxis situada. Dessa forma, se torna fundamental pensarmos, observarmos e ouvirmos os sujeitos considerando suas condições de existência, mas transcendendo lógicas binárias e normativas violentas que regem corpos e segmentos sociais e promovem a manutenção do sofrimento (CFP, 2023).

Ao iniciarmos o estágio que consistia na promoção de um grupo terapêutico para estudantes na Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis da UFPel, propusemos criar e dirigir um grupo voltado para a população acadêmica LGBTQIA +, a fim de buscar estabelecer um espaço seguro para a comunidade que ainda é constantemente invisibilizada dentro do ambiente acadêmico através de violências estruturais, preconceitos velados e estigmas (MEDEIROS; FACUNDES, 2022). Objetivamos criar espaço para o protagonismo desses sujeitos, promovendo uma escuta empática, inclusiva e atenta às suas angústias. Assim, procuramos também desenvolver estratégias que possibilitassem ampliar a qualidade de vida, busca pelos direitos e cidadania digna para estes estudantes.

Aqui, apresentaremos a trajetória do grupo Plural, desde sua criação até a escrita deste resumo, perpassando um total de 20 encontros mediados por uma dupla de estudantes de Psicologia do 8º semestre. A escrita mostrará aspectos do caminho percorrido e a metodologia utilizada durante os encontros grupais com foco de intervenção psicoeducativa/ terapêutica, apontando traços que se destacam como pontos de reflexão e discussão para uma prática ética, responsável e inclusiva no campo da promoção e prevenção de saúde mental.

## 2. METODOLOGIA

O estágio se deu a partir da oferta de grupos terapêuticos no Núcleo Psicopedagógico de Apoio ao Discente (NUPADI), que compõe a Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE), a qual objetiva se articular para garantir melhores condições de permanência e benefícios para os estudantes da universidade. Através de nossos interesses de estudos e também observando a falta de um recorte no local de estágio, propomos uma temática voltada para a comunidade acadêmica LGBTQIA +.

As inscrições foram realizadas por meio de um formulário online (aberto entre 2022/2 e 2023/1), obtendo um total de 20 inscrições. A partir das inscrições, contatamos os participantes individualmente para recebê-los em um momento de acolhimento, a fim de compreender as demandas mais individuais de cada um.

A PRAE ofereceu reuniões de supervisão para a discussão do andamento de cada grupo ofertado no serviço, que ocorreram semanalmente, com duração de 1 hora, e contaram com a presença das psicólogas e do psiquiatra do Núcleo para ouvirem e discutirem os encontros grupais. Além disso, contamos com a supervisão das professoras ministrantes da cadeira de Estágio Específico (I e II), correspondente ao trabalho que desenvolvemos. Durante as férias, nos vinculamos a um projeto de extensão e demos continuidade ao grupo, pensando em evitar uma quebra no andamento e do vínculo. Dessa forma, mantivemos o espaço seguro para as trocas dos alunos e retornamos o semestre letivo com uma boa adesão dos participantes.

Um ponto essencial trabalhado no encontro inicial e constantemente relembrado, foi o “contrato” de sigilo. Acordamos com o grupo que o respeito e a confidencialidade sobre o que fosse discutido grupalmente deveria prevalecer, considerando o teor sensível dos tópicos e o processo terapêutico de cada um.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Num primeiro momento, abrimos espaço para conversas que elucidam conceitos da comunidade LGBTQIA +, ressaltando o viés de aprendizagem presente, que permite errar sem ser julgado. O intuito foi trazer visibilidade e propor reflexões sobre o que seriam dignas condições de existência para a comunidade que sofre diversas violências no âmbito social. A partir disso, passamos a notar a necessidade de trabalharmos questões atreladas às diversas formas de relação inter e intrapessoais em múltiplos âmbitos, no que tange amor romântico, amigos, família, e, inclusive, a relação consigo mesmo, explorando aspectos de auto-estima, autoconhecimento, identificação e pertencimento.

Planejamos cada encontro a partir de mobilizações que surgiam durante as discussões realizadas no coletivo e alternamos entre leituras e recursos audiovisuais para dispararmos cada temática articulada. Dessa maneira, o grupo se constituiu com um teor também psicoeducativo, a partir de teorias situadas e interseccionais que tensionam reflexões críticas, vivenciais e experienciais, como propõe BUTLER (2018) à respeito da necessidade de encararmos as identidades como plurais e LAPLANCHE (2015) que ressignifica a constituição subjetiva justificando que os sujeitos se identificam por meio do que é passado a eles. As ações propostas associadas às teorias, além de permitir aos integrantes se conectar em quanto pessoas com sexualidades, identidades e expressões de gênero destoantes da norma hegemônica, reforça o compromisso ético que a profissão exige com as mais plurais formas de existência (AYOUCH, 2015).

O vínculo entre facilitadores e integrantes se desenvolveu apresentando uma sensação de continuidade, tornando possível acompanhar a evolução das pessoas em relação às demandas que traziam. Predominantemente, os inscritos buscaram o grupo para ter um local de conversa confortável para abordarem questões de sexualidade, já que isso não é habitual nos espaços que vivem - família, roda de amigos, faculdade, etc.

A temática do amor foi uma questão recorrente na trajetória do Plural. Em diversas ocasiões, utilizamos da autora bell hooks e sua obra “Tudo sobre o amor: novas perspectivas” (2020) para disparar e fomentar diálogos. Compreendemos a frequência dessa demanda ao observarmos o quanto os modelos de relações dissidentes são invisibilizados, causando para pessoas que se relacionam fora do espectro cisheteronormativo maior dificuldade em se amar, receber e dar amor para o outro, ou simplesmente, de se familiarizar com a sensação (hooks, 2020), pois cresceram e vivem em uma sociedade que estranha e condena o afeto queer. Procuramos trazer à tona sentimentos e emoções que esses disparadores críticos despertavam nos integrantes, pensando nessa externalização como potencializadora de melhor qualidade de vida às pessoas, pois como aponta BASTOS (2009), a fala e a escuta colocam o ser diante de suas palavras e singularidades, o provocando a elaborar sobre as próprias formas de investimento e as relações em geral. Ao final de alguns encontros, solicitamos *feedbacks* orais aos participantes a respeito das dinâmicas propostas. Alguns consideraram muito efetivo o processo de serem questionados e escreverem sobre sentimentos antes de externalizarem verbalmente, compartilhando que passaram a fazer a atividade diariamente e isso estava ajudando muito a colocar pra fora suas angústias.

Um fator significativo na jornada de reflexões sobre o trabalho exercido foi a pouca procura de mulheres e pessoas trans no grupo, majoritariamente constituído de homens cis gays. Como apontam COSTA e ALVES (2020), é fundamental que desenvolvamos nossa prática nos atentando para o principal referencial das elaborações de princípios morais e éticos da sociedade: homens, brancos, cisheteronormativos. Dessa forma, mulheres, pessoas negras, trans e não-binárias são excluídas de grande parte dos debates, contribuindo para os preconceitos que permeiam nosso corpo social. Por outro lado, a diversidade étnico-racial/cultural dos participantes do Plural foi um destaque. Cerca de 80% dos participantes não eram naturais de Pelotas, vindos de diversas regiões do Brasil e também do Senegal, na África. Preconceitos, estigmas e estereótipos voltados para a comunidade LGBTQIA+ com as características específicas dos locais de origem foram pontos em comum nas discussões, denunciando, inclusive, violências na universidade. Segundo narrativas trazidas, há um grande índice de estereótipos de gênero e sexualidade sendo reproduzidos em ambientes acadêmicos, como, por exemplo, formas de se comportar e se vestir que “não são bem vistas no ambiente e nem para a futura profissão”.

Outros desafios a serem mencionados se referem à rotatividade do grupo, que mesmo com 20 inscritos, apenas 10 frequentaram, reunindo-se entre 4 ou 5 por encontro. Além disso, as reuniões de supervisão locais tinham uma duração muito pequena, tornando a atividade um pouco vaga pelo grande número de duplas de estagiários de grupos.

#### 4. CONCLUSÕES

O Plural se mostrou um dispositivo potente enquanto grupo, ajudando a desconstruir e construir novos sentidos à práxis da nossa profissão. O espaço de

escuta oferecido foi avaliado como muito importante para que estudantes LGBTQIA+ tivessem onde depositar suas angústias e inseguranças, principalmente no que tange às repercussões psíquicas advindas de meios sociais heteronormativos que ainda reproduzem violências a grupos minorizados.

Com o desenvolvimento do grupo, podemos elaborar diversas formas de intervenção, levantando questionamentos e sugestões de como a universidade pode proporcionar espaços seguros para os alunos, priorizando sua qualidade de vida e saúde mental. Além disso, pensamos em como a própria graduação pode aprimorar a formação de seus estudantes, expandindo o horizonte de aprendizado, formas de manejo e condução de acolhimentos e grupos terapêuticos. Reforçamos o nosso compromisso ético enquanto futuros psicólogos, considerando imprescindível o esforço de criar práticas clínicas que sejam críticas e prezem pela pluralidade das existências

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AYOUCH, T. **Psicanálise e homossexualidades:** teoria, clínica e biopolítica. Curitiba: CRV, 2015.

ALVES, M. C.; COSTA, T. B. Colonialidade da sexualidade: dos conceitos “Clássicos” ao pensamento crítico descolonial. **Epistemologias e metodologias negras, descoloniais e antirracistas (Série Pensamento Negro Descolonial).** 1. ed., p. 51-84, 2020.

BASTOS, A. B. B. I. A escuta psicanalítica e a educação. **Psicologia infantil.** São Paulo, v. 13, n. 13, p. 91-98, 2009.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2018.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Referências técnicas para atuação de psicólogas, psicólogos e psicólogues em políticas públicas para população LGBTQIA+.** CFP, Brasília, 2023.

HOOKS, b. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas.** São Paulo: Elefante, 2020.

LAPLANCHE, J. **Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano.** Porto Alegre: Dublinense, 2015.

MEDEIROS, L. L. de.; FACUNDES, V. L. D.. Sexualidade, identidade de gênero e as interferências na saúde mental. **Research, Society and Development, [S. l.],** v. 11, n. 6, 2022.

SILVA, A. de C. A. da; ALCÂNTARA, A. M.; OLIVEIRA, D. C. de; SIGNORELLI, M. C. Implementação da Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (PNSI LGBT) no Paraná, Brasil. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação,** v. 24, 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Secretaria De Gestão Estratégica E Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa.** Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, Brasília, 2013.